

29/05/2019

## Me livre de ser uma Venezuela! Será?

**Maria de Fatima Siliansky de Andreazzi**

[Médica. Doutora em Saúde Coletiva. Professora Adjunta da UFRJ / Universidade Federal do Rio de Janeiro]

O fantasma venezuelano não existe.

Inegavelmente vivemos um momento muito perigoso na América Latina, onde o imperialismo estadunidense quer empreender uma cruzada contra a Venezuela, uma verdadeira agressão ao princípio da autodeterminação dos povos. Seja para se apropriar de formas mais diretas da produção petrolífera, seja como forma de ampliar sua dominação sobre a exploração da Amazônia, as ameaças têm se tornado mais graves, contando, agora, com a simpatia do governo brasileiro recém-eleito, além do tradicional ponto de apoio na Colômbia, quase um protetorado, dada a intensiva presença de tropas e bases do USA. É no mínimo pitoresco que a Venezuela tenha se tornado um fantasma constantemente apresentado ao povo brasileiro pela coalizão bolsonarista na campanha eleitoral de 2018 através da sua intensa rede de fabricação de notícias. Desde antes, aliás, tal centro de boataria já desenvolvia uma campanha sistemática contra esse país. Procedo o fantasma venezuelano? Mesmo levando em conta a dificuldade de fazer uma análise mais integral a partir apenas de alguns indicadores, pretende-se, sobretudo, estabelecer hipóteses. De acordo com documentos da OPAS (2017) e da OXFAM (2016), entre outros, assim se apresentavam alguns indicadores socioeconômicos e de saúde na Venezuela e no Brasil. O Canadá entra na tabela como um padrão de país capitalista dominante.

**Indicadores Venezuela, Brasil e Canadá  
(últimos dados disponíveis)**

Indicadores / Países	VENEZUELA	BRASIL	CANADÁ
PIB per capita (US\$, 2014)	17.700	15.570	44.350
IDH (2013)	0,762	0,755	0,913
Média de anos de escolaridade (2014)	9,4	7,3	13
Água tratada (2015)	93%	98%	100%
Esgoto tratado (2015)	94%	83%	100%
Esperança de vida ao nascer (2016)	74,6	75	82,4
Mortalidade infantil (2013)	14,7	14,1	4,8
Mortalidade materna (2013)	68,7	58,2	5,8
Incidência de tuberculose (2013)	22,2	35,9	4,4
Mortalidade proporcional por causas externas (2013)	19%	13%	7%
Porcentagem da terra na mão das 1% propriedades maiores (2011)	40,48%	44,42%	-

Fontes: diversas

A crise econômica, após 2015, afetou tanto a Venezuela com a queda do preço do seu principal item de composição do PIB, o petróleo, quanto o Brasil. Isso relativiza a data do último dado disponível.

A análise de tendências históricas mostra, ainda, uma melhoria destes indicadores tanto num país como no outro, a partir de 1990 até o último dado disponível.

Assim, em vários indicadores sociais o Brasil perde da Venezuela como, por exemplo, nos anos de escolaridade e no percentual de domicílios com esgoto tratado, o que também vai se refletir na incidência maior da tuberculose no Brasil, doença associada a péssimas condições de vida. Por outro, no que toca à influência do sistema de saúde como no indicador de mortes maternas, a Venezuela está pior embora a taxa brasileira se aproxime mais da Venezuela do que do Canadá. É fato a dificuldade de importação de medicamentos de uma economia que importa até alimentos. No que sugere concentração econômica, no caso, a concentração da terra, há um padrão parecido. Acalmem-se, portanto, hostes bolsonaristas. Já somos piores que a Venezuela em muitos aspectos. O que não quer dizer que para os setores progressistas brasileiros, ela seja um modelo: sua dependência do petróleo, a não reversão da histórica dominância econômica de uma oligarquia rural, a não criação de um campesinato próspero que fosse base interna de uma indústria autossustentada não é nenhuma estratégia anti-imperialista, muito menos, de transição ao socialismo.

Briceno-Leon (2006), estudando a violência da Venezuela, claramente manifesta pelo percentual elevado de causas externas na mortalidade, diz que na verdade, houve a substituição de uma elite por outra, mas procedimentos de favorecimentos se mantêm na gestão de uma economia rentista. No nosso campo da saúde, em sua relação com o desenvolvimento, há necessidade de aprofundar análises sobre o nosso vizinho. Mas hoje fundamentalmente, de levantar forte campanha pela não agressão do imperialismo estadunidense ao povo venezuelano e o não envolvimento do Brasil nessa agressão. ■■■

Referências:

- BRICENO-LEON, Roberto. A violência na Venezuela: renda petrolífera e crise política. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2006, vol.11, suppl. [cited 2019-05-14], pp.1223-1233.
- OPAS. Salud en las Americas. Edición de 2017.
- OXFAM. Desterrados: Tierra, Poder y Desigualdad en América Latina, novembro de 2016.

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*